

---

## **Bolsonaro e a facada: a desinformação como agente de ruptura e de legitimação da imagem do “mito”<sup>1</sup>**

Karina Stein DE LUCA GONÇALVES<sup>2</sup>  
Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT

### **RESUMO**

O seguinte artigo tem como objetivo analisar de que forma materiais manipulados e tirados de contexto tentaram encampar diferentes narrativas nos meios digitais acerca do atentado sofrido pelo então candidato à presidência Jair Messias Bolsonaro em setembro de 2018. Este trabalho parte da hipótese de que os materiais de desinformação sobre a facada em Bolsonaro foram instrumentalizadas tanto para tentar reafirmar a figura de “mito” quanto para procurar desfazer essa mesma imagem. O corpus é formado por 14 materiais de desinformação verificados e considerados falsos pelos sites Aos Fatos e Agência Lupa, veículos especializados em checagem de fatos que fizeram a cobertura do caso. A análise será feita a partir do conceito de mito estabelecido por Roland Barthes (1957).

**PALAVRAS-CHAVE:** desinformação; eleições 2018; facada; Bolsonaro; mito.

### **Introdução**

As eleições de 2018 foram um marco para a política, a sociedade e a comunicação no Brasil. Com um tempo menor do que o habitual (UOL, 2018), o período de propaganda partidária obrigatória na televisão perdeu seu protagonismo para o engajamento nas redes sociais. De acordo com pesquisa do Datafolha (2018) cerca de 66% dos eleitores brasileiros tinham contas em redes sociais no período; desse total, 65% usavam o WhatsApp e 57% o Facebook. Além de usar como meio de comunicação e entretenimento, o eleitorado brasileiro usava essas duas redes para compartilhar notícias sobre política e eleições – 24% se informavam via WhatsApp enquanto 22% compartilhavam informações no Facebook (DATAFOLHA, 2018). Junto à isso, temos ainda o boom da desinformação no país, que desde então sofre com as popularmente conhecidas *fake news* – cerca de 102 boatos que circularam nas redes sociais foram verificados pelo Projeto Comprova no primeiro turno das eleições (PODER 360, 2018).

As discussões políticas na internet brasileira, que vivem uma efervescência particular desde meados de 2013, ganharam força ao mesmo tempo que se polarizavam

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Semiótica da Comunicação, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Mato Grosso (PPGCOM/UFMT). E-mail: karinasteinlg@gmail.com

cada vez mais – tudo isso em um país em plena crise política causada por um impeachment questionável, abusos de poder de membros pontuais do judiciário e o descontentamento de grande parte da população. Quem pensava que o clima poderia melhorar em um ano de eleição se enganou pois 2018 foi marcado por eventos atípicos no cenário político brasileiro. Além da prisão do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva em abril (BBC Brasil, 2018) e o fato de, mesmo preso, ter sido cotado como principal candidato à presidência (G1, 2018), uma fatalidade tomou conta do noticiário em 06 de setembro daquele ano. Durante uma caminhada com apoiadores no centro da cidade de Juiz de Fora, interior do estado de Minas Gerais, o então candidato à presidência Jair Bolsonaro sofreu uma tentativa de homicídio. Um homem identificado como Adélio Bispo de Oliveira se misturou à multidão e usou uma faca de cozinha para tentar matar Bolsonaro, que no momento do golpe era carregado sobre os ombros de cabos eleitorais. (ESTADÃO, 2019). A facada atingiu o abdômen do então candidato, que no momento do ato público estava cercado por simpatizantes, que acompanhavam e registravam o momento com seus respectivos celulares, e por alguns profissionais da imprensa, que faziam a cobertura do evento de campanha. As imagens compartilhadas pela internet – a maioria delas trêmulas e desfocadas – mostravam desde o momento que o candidato estava acima do povo e sendo ovacionado por ele, até sua queda, que ocorreu enquanto repousava sua mão sobre sua barriga e seu semblante de dor ficava cada vez mais visível. A cena, filmada de todos os ângulos, circulou as redes sociais de maneira rápida e foi exaustivamente transmitida nos noticiários televisivos. O socorro ao candidato ferido foi feito rapidamente e em um carro usado pela equipe de campanha, que o levou para a Santa Casa de Misericórdia de Juiz de Fora. Desde o dia 06 de setembro, ao mesmo tempo que a imprensa e a população tentavam entender o que tinha acontecido, a máquina de *fake news* começou a funcionar.

### **Desinformação e desordem informacional**

Desde 2016 o termo *fake news* vem sendo usado em demasia por atores políticos, jornalistas, pesquisadores e usuários das redes sociais para se referir à diversos tipos de conteúdos. Para políticos, como Donald Trump, *fake news* são aquelas notícias reais que apresentavam pontos que o desfavoreciam de alguma maneira; para jornalistas, *fake news* é todo conteúdo falso que não pode ser provado com fatos; para internautas comuns, *fake news* pode ser qualquer informação minimamente duvidosa que parece ser mentira; já

para pesquisadores, o termo *fake news* deve ser usado com cautela, já que sua definição é tão aberta e interpretada de diferentes formas. Para Derakhshan e Wardle (2017, p. 6), “o termo *fake news* tem sido utilizado como uma arma para desacreditar a mídia e minar a liberdade de imprensa”. O termo inclusive ganhou popularidade por causa de Trump, então candidato à presidência dos Estados Unidos da América em 2016, quando se referia à veículos de imprensa que publicavam notícias que não eram alinhadas aos seus pensamentos ou que contraditava algo que ele teria dito.

A não utilização do termo *fake news* por especialistas para se referir à conteúdos falsos e enganosos é justificada, por exemplo, pelo First Draft (2020).

“O termo “fake news” (notícia falsa) não é nem o começo de tudo isso. A maior parte desse conteúdo nem é falso; muitas vezes é verdadeiro, usado fora de contexto e armado por pessoas que sabem que falsidades baseadas em um núcleo de verdade têm mais probabilidade de serem tomadas como verdade e compartilhadas. Além disso, a maior parte disso não pode ser descrita como “notícia”. São rumores à moda antiga, memes, vídeos manipulados, “anúncios micro-localizados” hipersgmentados e fotos antigas compartilhadas novamente como se fossem novas. O fracasso do termo em capturar nossa nova realidade é uma razão para não usarmos o termo “fake news”. A outra razão, mais poderosa, é a maneira como esse termo tem sido usado por políticos em todo o mundo para desacreditar e atacar o jornalismo profissional. O termo agora é quase sem sentido, com o público cada vez mais conectado com agências de notícias estabelecidas, como a CNN e a BBC. As palavras são importantes e, por esse motivo, quando os jornalistas usam o termo “fake news” em suas reportagens, dão legitimidade a uma frase inútil e cada vez mais perigosa.” (FIRST DRAFT, 2020, p. 08 – 09)

É com base nesse conceito que nesta análise iremos nos valer dos conceitos de desordem informacional e desinformação. Segundo o First Draft (2020, p. 9), desordem informacional é o conjunto formado pela mesinformação, malinformação e desinformação. Mesinformação pode ser definida como uma informação falsa que não tem a intenção de causar danos ou que foi compartilhada de forma enganosa, como um erro de apuração, por exemplo. Já a malinformação é a utilização de maneira danosa de informações consideradas verdadeiras, como por exemplo “quando agentes russos invadiram e-mails do Comitê Nacional Democrata e da campanha de Hillary Clinton e vazaram certos detalhes ao público para prejudicar reputações (FIRST DRAFT, 2020, p. 10). Por fim, a desinformação tem sua origem em informações falsas que são criadas de forma deliberada para prejudicar terceiros, organizações e grupos sociais. A mesinformação e a desinformação ainda podem ser divididas em sete grupos: sátira ou

paródia, conexão falsa, conteúdo enganoso, contexto falso, conteúdo impostor, conteúdo manipulado e conteúdo fabricado. Essa categorização é realizada “como uma maneira de se distanciar de uma dependência no termo “fake news” ”. (FIRST DRAFT, 2020, p 14).

### As mentiras envolvendo a facada em Jair Bolsonaro

Depois do pilar teórico estabelecido, foram selecionados para este trabalho 13 materiais desinformativos checados pela Agência Lupa e pela Aos Fatos sobre a facada. Para isso, a metodologia utilizada foi a análise textual discursiva (MORAES; GALIAZZI, 2007), análise de dados de origem qualitativa onde o *corpus* pode ser dividido e organizado em unidades de análise para que, posteriormente, ele ajude a “reconstruir conhecimentos existentes sobre o tema investigado” (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 11).

É interessante observar que a trajetória e o desenvolvimento do acontecimento podem ser acompanhados pela própria sequência de desinformação e checagem, ou seja, elas evoluíram conforme o tempo foi passando e novos eventos surgiram ao longo dos dias. Na tabela abaixo, as histórias estão organizadas por data em ordem cronológica, tema, veículo onde foi publicada e se o tema seria favorável ou desfavorável à figura de Bolsonaro:

DATA	TEMA	ONDE FOI PUBLICADO	FAVORÁVEL OU DESFAVORÁVEL
06/09/2018	Adélio Bispo é filiado ao PT	Agência Lupa e Aos Fatos	Favorável
06/09/2019	Jair Bolsonaro é visto andando dentro de hospital depois da facada	Agência Lupa e Aos Fatos	<u>Desfavorável</u>
06/09/2018	Imagem adulterada que mostra Adélio Bispo ao lado de Lula	Agência Lupa e Aos Fatos	Favorável

06/09/2018	Adélio Bispo é filiado ao PDT mineiro	Agência Lupa e Aos Fatos	Favorável
06/09/2018	Polícia Federal teria descoberto plano de partidos para matar Jair Bolsonaro	Aos Fatos	Favorável
06/09/2018	Adélio Bispo trabalhou como assessor na campanha de Dilma Rousseff ao senado	Agência Lupa e Aos Fatos	Favorável
06/09/2018	Outras duas imagens adulteradas mostram Adélio Bispo ao lado de Lula	Aos Fatos	Favorável
06/09/2018	Conversa de WhatsApp mostra planejamento de atentado	Agência Lupa	Favorável
11/09/2018	Jovem se esfaqueou para desmentir facada em Bolsonaro	Agência Lupa	Desfavorável
14/09/2018	Adélio Bispo é visto em foto ao lado de Gleisi Hoffmann	Aos Fatos	Favorável

14/09/2018	Programa de Fátima Bernardes reformou a casa de Adélio Bispo	Agência Lupa	Favorável
16/09/2018	Vídeo de suposto ato pró-Bolsonaro em Campinas	Agência Lupa	Favorável
19/09/2018	Vídeo de suposto ato pró-Bolsonaro em Brasília	Aos Fatos	Favorável
21/09/2018	Áudio falso de Bolsonaro em conversa acalorada em hospital	Aos Fatos	Desfavorável

Fonte: Elaboração própria

As notícias falsas foram divididas entre favoráveis e desfavoráveis para que fosse possível identificar como elas atuavam dentro das disputas discursivas que estavam em andamento naquele momento específico. Entendo como favorável o conteúdo cujo foco central é a busca pelos verdadeiros culpados e supostos mandantes do crime, e de tentar associar a imagem de Adélio Bispo à partidos e pessoas públicas. Das 14 informações falsas checadas pela Aos Fatos e pela Lupa, 8 delas tentam associar Adélio Bispo a partidos de esquerda e centro-esquerda (PC do B, PT e PDT), à figuras políticas do PT (Lula da Silva, Dilma Rousseff e Gleisi Hoffmann) e à apresentadora Fátima Bernardes, da Rede Globo, emissora que é vista como inimiga de Bolsonaro e tratada por ele dessa forma. Já o material desfavorável tenta “provar” que o atentado em si seria falso ou não seria possível, tentando diminuir a importância do atentado e atribuir à Bolsonaro a pecha de político mentiroso que seria capaz de forjar uma tentativa de homicídio a si mesmo para ganhar mais destaque na corrida eleitoral.

A organização dos materiais desinformativos dessa forma me ajudou a entender como alguns dos valores intrínsecos no discurso do próprio candidato apareceram em muitos dos materiais falsos produzidos e propagados pela internet. Bolsonaro angariou milhares de seguidores e eleitores ao difundir conceitos e ideias pautadas no discurso de

ódio (principalmente às minorias), no divisionismo, no reacionarismo, na exaltação das Forças Armadas – em especial o Exército – e junto com ela a reverência ao período da ditadura militar no Brasil, além de um forte discurso anticorrupção, que está diretamente associado à aversão ao Partido dos Trabalhadores (PT).

### **O mito político e o mito barthesiano**

As últimas eleições no Brasil foram as primeiras logo depois de uma crise política histórica que teve início em 2013, com vários protestos e movimentos nas ruas do país, se estendeu por 2014 nas eleições que reelegeram Dilma Rousseff, e que se intensificaram em 2016, quando um impeachment tirou a então presidente do comando. A população, que estava imersa nesse caos político, buscava a figura de alguém que pudesse resolver a situação, ao mesmo tempo em que nutria uma aversão ao partido e aos políticos que estavam no mais alto cargo do país nos anos anteriores. Em paralelo a isso, uma figura antes insignificante, e até então tratada como chacota, emergiu no cenário político e ganhou protagonismo necessário para alcançar a Presidência da República.

De acordo com Girardet (1987), em momentos de grande crise, seja ela social, econômica ou política, as pessoas ficam mais vulneráveis ao que ele chama de “efervescência mitológica”. O autor constata que esse tipo de narrativa está presente nas entrelinhas de vários governos e doutrinas e que estudar essas mitologias nos ajuda a entender o motivo pelo qual as pessoas se sentem tão atraídas por esse tipo de discurso, que apresenta elementos míticos e até mesmo religiosos. O mito, nesse contexto, seria algo próximo ao que alguns antropólogos definem como uma narrativa que faz referência a um passado considerado sagrado que não foi vivido por elas, mas que de uma certa forma ajudou a criar um sentido para o mundo. Essa narrativa seria criada e desenvolvida no campo das ideias e afetaria diretamente o inconsciente dessas pessoas que, sem nem mesmo perceber, poderiam repetir os mesmos comportamentos de outrora. Por serem irracionais, os mitos muitas vezes se apresentam de maneira contraditória e com diversos significados diferentes.

“Do mesmo modo que o mito religioso, o mito político aparece como fundamentalmente polimorfo: é preciso entender com isso que uma mesma série de imagens oníricas pode encontrar-se veiculada por mitos aparentemente os mais diversos; é preciso igualmente entender que o mesmo mito é suscetível de oferecer múltiplas ressonâncias e não menos numerosas significações.” (GIRARDET, 1987, p. 15)

---

Em sua obra, Girardet analisa quatro categorias mitológicas que, segundo ele, nos ajudariam a entender vários momentos ao longo da história da humanidade: a conspiração, a Idade de Ouro, o salvador e a unidade.

“Denúncia de uma conspiração maléfica tendendo a submeter os povos à dominação de forças obscuras e perversas. Imagens de uma Idade de Ouro da qual convém redescobrir a felicidade ou de uma Revolução redentora que permite à humanidade entrar na fase final de sua história e assegura para sempre o reino da justiça. Apelo ao chefe salvador, restaurador da ordem ou conquistador de uma nova grandeza coletiva. A lista recapitulativa está longe de encerrar-se.” (GIRARDET, 1987, p. 11)

Girardet faz essa discussão partindo de uma perspectiva europeia, mas estes padrões podem ser vistos nas próprias eleições de 2018 no Brasil: a conspiração sobre quais as ligações do agressor de Bolsonaro e quem são os mandantes por trás do crime, ou como a farsa da facada foi montada minuciosamente; a Idade de Ouro brasileira que poderia chegar quando a corrupção fosse finalmente combatida e o PT derrotado; o salvador, o ‘mito’ símbolo da nova política, da renovação e da destruição de “tudo isso que está aí” e que poderia levar o país para o progresso; e a unidade, refletida no slogan de campanha “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”; a lista completa é imensa.

Algumas dessas reflexões e perspectivas podem se cruzar e encontrar um complemento com outro conceito de mito, desta vez ligado a perspectiva semiótica estruturalista de Roland Barthes (2009). O mito segundo Barthes é uma estrutura de comunicação, é o ato de fala, é uma maneira de expressar determinados valores e ideias que se utiliza de signos, da cultura e da linguagem. Olhar para um determinado objeto, como o próprio Bolsonaro por exemplo, sob a perspectiva mítica barthesiana, nos permite identificar os signos que permitem o entendimento entre o que ele realmente diz e o que ele expressa de valores que estão presentes não só na cultura política brasileira, mas também no imaginário político global.

Ao recorrer a esses dois conceitos neste trabalho, busco entender como os criadores dos materiais de desinformação criados no episódio da facada aproveitaram deste episódio tanto para reforçar valores que estão na base da construção da figura de Jair Bolsonaro quanto para tentar dismantelar sua imagem de herói nacional perante a população. Quando as notícias falsas parecem favorecer o candidato, elas estão ligadas diretamente tanto à busca de culpado, do ser maléfico por trás do ocorrido, quanto ao enaltecimento da figura de Bolsonaro – quando os vídeos de manifestações populares são tirados de contexto, por exemplo, levando a entender que aquelas pessoas estão

demonstrando seu apoio quando na verdade não estão. Para o propagador deste tipo de informação enganosa, o resultado da mensagem tem mais importância do que o próprio conteúdo dela, pois não importa se o vídeo é de dois anos atrás ou se a foto é adulterada, o objetivo é distorcer algo – até mesmo a própria realidade – para que ele caiba em novas formas e tenham o efeito que eles querem. Essa “maleabilidade” aparece tanto do conceito de Girardet, quando ele fala da criação da mitologia no campo das ideias, quanto no de Barthes, quando ele vai tratar sobre a ambiguidade do significante do mito, que é ao mesmo tempo sentido e forma:

“Numa palavra, a intenção do mito é demasiado obscura para ser eficaz ou demasiado clara para que se acredite nela. Em ambos os casos, onde está a ambiguidade? Isso não passa de uma falsa alternativa. O mito nada esconde e também nada ostenta: ele deforma; o mito não é uma mentira nem uma confissão: é uma inflexão. Colocado perante a alternativa de que falava há pouco, o mito encontra uma terceira saída. Ameaçado de desaparecer, se ceder a uma ou a outra das duas primeiras focalizações, resolve o dilema por meio de um compromisso, e ele é este compromisso; encarregado de “transmitir” um conceito intencional, o mito só encontra traição na linguagem, pois esta elimina o conceito, escondendo-o, ou o desmascara, dizendo-o. A elaboração de um segundo sistema semiológico vai permitir que o mito escape ao dilema: obrigado a revelar ou liquidar o conceito, naturaliza-o.” (BARTHES, 2009, p. 220-221)

A própria facada tem uma relação mítica, pois, mesmo não sendo vista nos materiais desinformativos apresentadas no presente trabalho, ela foi desviada de tal modo para reforçar a imagem de herói nacional e de grande salvador, colocando Bolsonaro quase como uma figura religiosa: o homem abençoado e invencível que sobreviveu pois tinha uma missão principal, que era conduzir a nação para o futuro promissor. Se ela tivesse sido uma farsa, como alguns conteúdos e narrativas tentaram estabelecer, ela seria a perfeita construção do mito barthesiano dentro do mito político.

## Referências

AGÊNCIA LUPA (Brasil). **#Verificamos: Atentado contra Jair Bolsonaro com checagens em tempo real.** 2018. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2018/09/06/atentado-bolsonaro-tempo-real/>>

\_\_\_\_\_. **#Verificamos: É falsa informação de que jovem maranhense se esfaqueou para desmentir facada em Bolsonaro.** 2018. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2018/09/11/verificamos-jovem-facada/>>

\_\_\_\_\_. **#Verificamos: Fátima Bernardes não reformou ‘casa da família de esfaqueador de Bolsonaro’.** 2018. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2018/09/14/verificamos-fatima-bernardes-esfaqueador/>>

---

\_\_\_\_\_. **#Verificamos: Vídeo não mostra ‘ato em Campinas em prol da saúde de Bolsonaro’**. 2018. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2018/09/16/verificamos-ato-saude-bolsonaro/>

AOS FATOS (Brasil). **O que se sabe, até agora, sobre o ataque a Bolsonaro**. 2018. Disponível em: <https://www.aosfatos.org/noticias/o-que-se-sabe-ate-agora-sobre-o-ataque-bolsonaro/>

\_\_\_\_\_. **Homem em foto com Gleisi Hoffmann não é o agressor de Bolsonaro**. 2018. Disponível em: <https://www.aosfatos.org/noticias/homem-em-foto-com-gleisi-hoffmann-nao-e-o-agressor-de-bolsonaro/>

\_\_\_\_\_. **Vídeo de 2015 foi adulterado para parecer pró-Bolsonaro**. 2018. Disponível em: <https://www.aosfatos.org/noticias/video-de-2015-foi-adulterado-para-parecer-pro-bolsonaro/>

\_\_\_\_\_. **Áudio de Bolsonaro em conversa exaltada no hospital é falso**. 2018. Disponível em: <https://www.aosfatos.org/noticias/audio-de-de-bolsonaro-em-conversa-exaltada-no-hospital-e-falso/>

BARTHES, Roland. **Mitologias**. 4ª. Ed. Rio de Janeiro, 2009.

BBC BRASIL (Brasil). **Moro decreta a prisão de Lula**. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-43663767> >.

DATAFOLHA (Brasil). **24% dos eleitores usam Whatsapp para compartilhar conteúdo eleitoral**. 2018. Disponível em: <https://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2018/10/1983765-24-dos-eleitores-usam-whatsapp-para-compartilhar-conteudo-eleitoral.shtml>.>.

DERAKHSHAN, Hossein; WARDLE, Claire. Information Disorder: Definitions. In: UNDER-STANDING AND ADDRESSING THE DISINFORMATION ECOSYSTEM, 1., 2017, Filadélfia. **Anais...** Filadélfia, Pensilvânia, Estados Unidos: Annenberg School Of Communication, University Of Pennsylvania, 2018. v. 1, p. 5 - 12. Disponível em: <https://firstdraftnews.org/wp-content/uploads/2018/03/The-Disinformation-Ecosystem-20180207-v4.pdf>>.

ESTADÃO (Brasil). **O que já se sabe sobre o atentado contra Bolsonaro**. 2019. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,o-que-ja-se-sabe-sobre-o-atentado-contrabolsonaro-6-meses-depois,70002735760>>

FIRST DRAFT. **Guia essencial da First Draft para entender a desordem informacional**. Londres, 2020. Disponível em: [https://firstdraftnews.org/wp-content/uploads/2020/07/Information\\_Disorder\\_Digital\\_AW\\_PTBR.pdf?x35395](https://firstdraftnews.org/wp-content/uploads/2020/07/Information_Disorder_Digital_AW_PTBR.pdf?x35395)>.

GIRARDET, Raoul. **Mitos e mitologias políticas**. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. **Análise Textual Discursiva**. Ijuí: Unijuí, 2007.

PODER 360 (Brasil). **Comprova verificou 102 boatos sobre as eleições presidenciais no 1º turno em 2018.** 2018. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/eleicoes/comprova-verificou-102-boatos-sobres-as-eleicoes-presidenciais-no-1o-turno/>>.

UOL (Brasil). **Engajamento nas redes sociais e campanha mais curta testam poder da TV.** 2018. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/eleicoes/2018/noticias/agencia-estado/2018/08/26/engajamento-nas-redes-sociais-e-campanha-mais-curta-testam-poder-da-tv.htm>>.